

JÁ ESTÁ VENCIDO!

IT'S ALREADY WON!

Êxodo 7,8-13 - primeiro prodígio

Milton Schwantes*

A rigor, o primeiro dos sinais é o da “serpente”. É assim no cap.4, nos v.1-5, onde a “serpente” é designada com seu nome usual *nahax*. E é assim em 7,8-13¹. A estes versículos 7,1-7 é preâmbulo, que, aliás, ainda falta em 4,1-5.

* Doutor em Teologia pela Faculdade de Teologia Evangélica da Universidade de Heidelberg, Alemanha.

¹ ANDERSON, Ana Flora e GORGULHO, Gilberto, *Êxodo 1-15 - A formação do povo*, São Paulo, CEPE/Centro Ecumênico de Publicações e Estudos Frei Tito de Alencar Lima, 1992, 73p.; ANDIÑACH, Pabo Ruben.....; BALANCIN, Euclides Martins e STORNILOLO, Ivo, *Como ler o livro do êxodo - O caminho para a liberdade*, São Paulo, Edições Paulinas, 1990, 62p. (Série Como ler a Bíblia); BARROS, Marcelo e SCHWANTES, Milton, “Estudo do livro do Êxodo - Leitura da Bíblia e celebração da gente”, em *Curso de Verão*, São Paulo, Edições Paulinas, vol.1, 1988, p.49-112; BEER, Georg e GALLING, Kurt, *Exodus*, Tübinga, J. C. B. Mohr, 1939, 179p. (Handbuch zum Alten Testament, 3); BOSCHI, Bernardo Gianluigi, “O êxodo e a aliança na exegese moderna”, em *Problemas e perspectivas das ciências bíblicas*, São Paulo, Edições Loyola, 1993, p.153-175; CASSUTO, Humberto, *A Commentary on the Book of Exodus*, Jerusalém, The Magnes Press/The Hebrew University, 1983, 509p.; CHILDS, Brevard S., *The Book of Exodus - A Critical, Theological Commentary*, Philadelphia, The Westminster Press, 1974, 657p. (The Old Testament Library); CROATTO, José Severino, *Êxodo - Uma hermenêutica da liberdade*, São Paulo, Edições Paulinas, 1981, 179p. (Coleção Libertação e Teologia, 12); CROATTO, José Severino, “La relectura del nombre de Yave - Reflexiones hermenéuticas sobre Êxodo 3,1-15 y 6,2-13”, em *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, vol.4, Santiago, Rehue, 1989, p.7-17; DREHER, Carlos Arthur, “As tradições do Êxodo e do Sinai”, em *Estudos Bíblicos*, vol.16, Petrópolis, Editora Vozes, 1988, p.52-68; EBACH, Jürgen, “‘Senhor, por que maltratas este povo?’ - Queixa diante de Deus e acusação de Deus na experiência do fracasso”, em *Concilium*, n.5, Petrópolis, Editora Vozes, 1990, p.135-146; ELLISON, H. L., *Êxodo*, Buenos Aires, La Aurora, 1988, 220p. (Antigo Testamento Comentado); *Estudos Bíblicos*, vol.16, Petrópolis, Editora Vozes, 1988, 84p.; GAEDE, Leonídio, “As pragas do Egito - Como superar o poder opressor”, em *O Povo Faz Caminho*, vol.1, Belo Horizonte, CEBI, 1988, p.24-30; GAEDE, Leonídio, *Sem-terra - A praga de faraó*, São Leopoldo, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, 1991, 148p. (dissertação de mestrado); JARAMILLO, Julio, “La experiencia religiosa de Israel - primera parte”, em *Medellín*, vol.17, n.66, Bogotá, 1991, p.149-180; JARAMILLO, Julio, “La experiencia religiosa de Israel - segunda parte”, em *Medellín*, vol.17, n.66, Bogotá, 1991, p.305-332; LANSON, André, *Libertar os oprimidos*, Crateús, Diocese de Crateús, 1969, 2ª edição, 86p.; LOZA VERA, José, “El acontecimiento del éxodo - Ventajas de una lectura diacrónica Iª parte”, em *Efemérides Mexicana*, México, vol.7, n.21, 1989, p.323-346; LOZA VERA, José, “El acontecimiento del éxodo - Ventajas de una lectura diacrónica

Ainda que se possa afirmar esta coincidência entre os “sinais” em 4,1-5 e em 7,8-13, há diferenças que aqui não carecem ser enfocadas. Uma delas reside no destaque dado ao “crer” em 4,1-5. Elas em todo caso indicam que conteúdos similares foram transmitidos por grupos sociais diferentes, que lhes atribuíram perspectivas diversas.

De todo modo, não se deveria querer atribuir caráter introdutório ao prodígio de 7,8-13, agregando estes versículos aos que precedem, a 7,1-7. Realmente, 7,1-7 é introdução. Mas, o mesmo não vale para 7,8-13 que já é o primeiro dos “sinais”, designado aqui de “prodígio”.

Aliás, entendo que a este primeiro “prodígio”, 7,8-13 (“serpente”), corresponde o décimo, cap.10, em que o “sol” por completo se obscurece.

Tradução literal

⁸E disse Javé para Moisés e para Aarão para dizer: ⁹“se vos disser faraó para dizer: ‘dai em favor de vós prodígio’, [então] dirás para Aarão: ‘toma tua vara e lança diante das faces de faraó: tornar-se-á² em serpente³’.” ¹⁰E entraram⁴

IIª parte”, em *Efemérides Mexicana*, México, vol.10, n.29, 1992, p.181-220; NARDONI, Enrique, “El éxodo como acontecimiento de justicia liberadora”, em *Revista Bíblica*, Buenos Aires, SAPSE, n.60, 1995, p.193-222; NOTH, Martin, *Das zweite Buch Mose - Exodus*, Gotinga, Vandenhoeck & Ruprecht, 4a edição, 1968, 45-46.50-54.55-56 (228p.); PIXLEY, Jorge V., *Éxodo - Una lectura evangélica y popular*, México, Casa Unida de Publicaciones, 1983, 307p. [tradução ao português: *Éxodo*, São Paulo, Edições Paulinas, 1987, 247p. (Coleção Grande Comentário Bíblico)]; RAVASI, Gianfranco, *Éxodo*, São Paulo, Edições Paulinas, 1985, 202p. (Pequeno Comentário Bíblico - AT, 6); SAMPAIO, Tânia Mara Vieira, “Um éxodo entre muitos outros éxodos - A beleza do transitório obscurecida pelo discurso do permanente - Uma leitura de Êxodo 1-15”, em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, vol.23, Petrópolis, Editora Vozes, 1996, p.79-91; SCHMIDT, Werner Hans, *Exodus*, Neukirchen, Neukirchner Verlag, 1988, 312p. (Biblischer Kommentar Altes Testament, 2/1); SCHMIDT, Werner H. *Exodus*, Neukirchen, Neukirchner Verlag, 1995ss (Biblischer Kommentar Altes Testament, 2/2); SCHWANTES, Milton, “O éxodo como evento exemplar”, em *Estudos Bíblicos*, vol.16, Petrópolis, Editora Vozes, 1988, p.9-18; SCHWANTES, Milton, “A origem social dos textos”, em *Estudos Bíblicos*, vol.16, Petrópolis, Editora Vozes, 1988, p.31-37; SCHWANTES, Milton, “Cantorias de um povo saído do cativo - A festa que vem depois (Êxodo 15)”, em *Estudos Bíblicos*, n.43, Petrópolis, Editora Vozes, p.12-19; SILVA, Rafael Rodrigues da, *Éxodo - Evento fundante de Israel - Uma conversa com os hebreus*, São Paulo, Centro de Estudos Bíblicos, 1994, 24p.; TREIN, Hans Alfred, “A situação histórica dos hebreus no Egito e no Antigo Oriente”, em *Estudos Bíblicos*, vol.16, Petrópolis, Editora Vozes, 1988, p.19-30.

² Literal: “acontecerá para...”.

³ *tanin* não é de fácil tradução. Poderia ter o sentido de “monstro marinho” ou “dragão”. Mas, a rigor, a transição de uma “vara”/cajado para um “monstro” parece desproporcional. Por isso, convém optar pelo sentido de “serpente”., considerando que entre esta e a “vara” há certa semelhança.

Moisés e Aarão para faraó e fizeram assim como ordenara Javé: e lançou Aarão sua vara em direção das faces de faraó e em direção das faces de seus ministros⁵, e aconteceu para serpente. ¹¹E conclamou faraó em especial os sábios e os feiticeiros⁶. E fizeram eles, em especial os mágicos⁷ do Egito, assim com suas ciências ocultas⁸. ¹²E lançou cada homem a sua vara, e aconteceram para serpentes, e devorou a vara de Aarão as suas varas. ¹³E endureceu⁹ o coração de faraó, e não os ouviu - como falara Javé.

Organizando a seqüência

Reconheço *quatro* pequenas sub-unidades de sentido, quatro ‘parágrafos’ nestes versículos: v.8-9, v.10, v.11-12, v.13, cada um com um papel especial.

Chama a atenção o v.13 que se diferencia em relação ao que lhe antecede.

¹³e se endureceu o coração de faraó,

e não ouviu para eles, como falara Javé.

Ora, seus conteúdos nem mesmo se referem expressamente aos versículos imediatamente precedentes. Nem o endurecimento do “coração do faraó” fora preparado pelos v.8-12. E igualmente não se tratara nos versículos precedentes propriamente de um “ouvir” de faraó. Este v.13 deve ter uma origem que se situa fora de nossos versículos, ainda que também esteja relacionado com nosso texto, como adiante ainda veremos.

As quatro frases do v.8-9 formam um conjunto/parágrafo: o v.8 é a introdução às palavras divinas contidas no v.9. No v.9 temos o que chamaríamos de uma oração condicional: “se faraó..., então dirás...”. As traduções tendem a esta opção (veja por exemplo Almeida). São três as frases neste v.9: a primeira se refere à eventualidade de o

⁴ Literal: “e entrou”.

⁵ No hebraico, trata-se de ‘*abadim* “escravos”, “ministros”.

⁶ HAL

⁷ HAL

⁸ HAL

⁹ *hshq* qal imperfeito consecutivo “ser forte”, “endurecer”.

faraó pedir por um “sinal”/“prodígio”. A segunda estabelece a reação a este pedido: lançar a vara diante de faraó. A terceira anuncia que a “vara” se tornará uma “serpente”/“crocodilo”/ *tanin*. Estas três frases do v.9 são o conteúdo do que, no v.8, Javé “diz”. Basicamente o “dizer” divino são, pois, gesto (“lançar”) e acontecimento (“acontecer”).

⁸E disse Javé para Moisés e para Aarão para dizer: ⁹“se vos disser faraó para dizer: ‘dai em favor de vós prodígio’, [então] dirás para Aarão: ‘toma tua vara e lança diante das faces de faraó: tornar-se-á em serpente’.”

É evidente que as quatro frases do v.10 correspondem às dos v.8-9. Portanto, nossos dois primeiros parágrafos estão bem interligados.

¹⁰E entraram Moisés e Aarão para faraó e fizeram assim como ordenara Javé: e lançou Aarão sua vara em direção das faces de faraó e em direção das faces de seus ministros, e aconteceu para serpente.

A primeira frase do v.10 corresponde ao v.8. Lá Javé dissera, agora, em concordância com o dito divino, Moisés e Aarão fazem: ‘entram’ para a presença de faraó. Aliás, a segunda frase “e fizeram assim como ordenara Javé” remete expressamente para o v.8, para “disse Javé para Moisés e para Aarão”. Esta segunda frase está, pois, eminentemente em função de remeter para a primeira frase de nosso conjunto, para o v.8. Logo, a primeira e a segunda frase deste novo parágrafo se assentam junto ao v.8.

A terceira frase do v.10 “e lançou Aarão sua vara para as faces de faraó e para as faces de seus escravos” claramente remete à terceira dos v.8-9. Em ambas trata-se de “lançar” a “vara”, o *mateh*. Portanto, a segunda frase do parágrafo, formada pelos v.8-9, não é retomada no v.10, neste nosso segundo parágrafo. “Eis, falará para vós faraó para dizer: ‘dai para vós prodígio’” permanece sem referência no v.10! Seria o v.13 sua referência? No v.10 supõe-se que faraó pediria por uma legitimação (um “prodígio”), no v.13 faraó reage a uma demonstração de poder, já que sua “vara” fora devorada.

A frase final “e aconteceu para serpente” é igual à frase correspondente nos v.8-9.

O texto não poderia fechar neste v.10 pois aí lhe faltaria o elemento da surpresa e não haveria uma ponte clara para o v.13. Os v.11-12 desempenham, portanto, um papel

de destaque no conjunto. São o *gam* do texto, aquilo que lhe é especial! No hebraico, *gam* não significa meramente “também”. Tem antes a conotação de “em especial”.

¹¹E conclamou faraó em especial os sábios e os feiticeiros. E fizeram eles, em especial os mágicos do Egito, assim com suas ciências ocultas. ¹²E lançou cada homem a sua vara, e aconteceram para serpentes, e devorou a vara de Aarão as suas varas.

As frases agora são cinco. Nas quatro primeiras prevalece a equivalência a frases anteriores, presentes no primeiro e segundo parágrafo.

A primeira equivale ao v.8 do primeiro parágrafo: Javé diz a Moisés e Aarão (v.8); faraó conclama “sábios” e “feiticeiros”. O verbo “dizer” não é tão marcante como “conclamar”! Faraó parece ser mais que Moisés e Aarão.

A segunda frase retoma o segundo parágrafo: os “adivinhos com suas ciências ocultas” procedem à semelhança de Moisés e Aarão, no v.10.

A terceira e a quarta frase retomam a segunda parte do v.10. Até aqui a ação de faraó é equiparável às ações de Javé e Moisés/Aarão.

A diferença está na quinta frase: “e devorou a vara de Aarão as suas varas”. De certo modo, chama a atenção que somente seja mencionado Aarão. Por que? Interessante também é que quem se devora são “varas” e não “serpentes”. As “varas”-“serpentes” foram a ênfase dos v.8-9 e v.10. Aqui nos v.11-12 o interesse é algo diferente.

O v.13, para o qual procurávamos por correspondências intra-texto, reage a este terceiro parágrafo. Faraó fecha o coração e não ouve em relação à derrota de seus sábios.

Um texto de Israel/norte, em tempos do 8º século

A partir do cap.7 repete-se, a rigor, o assunto até o cap.14(-15): as assim chamadas ‘pragas’ (“prodígio” na palavra de nosso v.8): o faraó é enfrentado, passo a passo, cena a cena e “prodígio” a “prodígio” até permitir a saída dos hebreus escravizados, até expulsá-os do Egito. Este enfrentamento se divide em dois tipos de cenas: inicialmente

seguem-se 10 cenas de ‘pragas’/“prodígios”, completados por 2 decisivas: a morte dos primogênitos na páscoa, e a do próprio faraó na passagem pelo mar! “Filhos e filhas de Israel”, estas 12 tribos, são libertas por 12 ações libertadoras de Javé, cuja última e derradeira foi a de haver derramado o exército faraônico e próprio faraó no mar!

Um faraó se apresenta com a marca da “serpente” (veja Gênesis 3). Da cabeça ela lhe sai. No caso, o corpo do faraó é como se fosse a serpente erguida, ‘de em pé’. Tal faraó simultaneamente é tido por filho do sol. O símbolo do sol marca sua testa. Ora, a primeira das prodigiosas ações de Moisés e Aarão mantém relação com a serpente, a última, nesta primeira leva de 10 ações, com o sol (veja 10,21-29). A primeira e a décima “maravilha” mantem, pois, correlação direta com a auto-compreensão, com a ideologia de faraó.

Isso indica que, ao menos, a localização de ambas não há de ser acidental. Estão colocadas, no começo e no final deste conjunto de 10 “prodígios”, porque dizem respeito especificamente ao que seja ou queria ser o faraó. Estes caps.7-14 tentarão mostrar que o faraó nem é o que pretendia ser;

Esta reflexão preliminar indica, a meu ver, que devemos estar numa das camadas literárias mais recentes dos milagres. Se for adequado situar os caps.3-4, aproximadamente, no 8º século, portanto após ou nos tempos da profecia daquele século, então poderíamos alocar os “milagres”, mais ou menos, nestes mesmos tempos.

Em todo caso, ainda estamos em Israel, quer dizer no norte. Afinal, é por lá, em tribos de Efraim e Manassés, que se celebram as tradições do êxodo. Nossos versículos, não me dão a impressão que seriam posteriores à reforma josiânica de 622 a.C.

Estamos em meio a famílias camponesas, não a santuários. Pois, a linguagem de radical oposição a soberanos dificilmente teria outro ‘lugar vivencial’. Não há concessões ao senhorio, a não ser que, momentaneamente, as próprias forças de quem exige libertação sejam pequenas demais. O que vale é a oposição ao senhorio - eis, uma das fontes das contínuas rebeliões populares no norte e de ser ele, afinal, o próprio berço da contestação profética.

Estamos entre camponeses. Na época, esta era a ampla maioria da população. E o êxodo era de seu interesse, pois, afinal, esta tradição abrangia seu interesse. A terra de seu plantio era dádiva do êxodo: à saída das terras da opressão, o Egito, corresponde,

finamente, a chega à terra das promessas (Êxodo 3,7-8; Deuteronômio 26,1-11). Por ser de origem camponesa, faltam nas narrações dos “prodígios” continuamente detalhes não só sobre a vida no Egito, mas principalmente sobre a vida palaciana. A gente do campo não sabe como é esta vida; desconhece seus detalhes. Faltam pórticos de entrada, guardas, salas de audiência de faraó e similares. Nossa sub-unidade e, em geral, seus similares provém do imaginário simples e cotidiano da vida camponesa.

Levitas da roça poderiam ser os intermediários responsáveis pela escrita. Afinal, a páscoa, na qual se celebrava o êxodo, era festa familiar, não templar. Nela o sacerdote era desnecessário, considerando que a própria casa constituía a comunidade celebrante. Pelo que nos consta, foram os levitas aqueles que acompanhavam as comunidades adeãs em tais tarefas.

Conteúdos - v.8-13

O cenário é breve, mas contundente! As palavras narradas são poucas, mas decisivas. Afirmam: o poder do faraó está vencido! Ele que é “serpente” perdeu o combate com Moisés e Aarão.

Vamos, pois, a detalhes:

Os v.8-9 abrem a cena. Seu vocabulário é singelo; vale-se de verbos corriqueiros para a comunicação: principalmente “dizer” (4 vezes) e “falar” (2 vezes), na sub-unidade. É verdade, à partir do v.10 a variação de termos é um pouco maior, mas sem almejar sofisticação. Os termos não se esmeram em arte.

Quanto ao número são desiguais os que ‘atuam’ de um e outro lado: de um lado estão: Javé-Moisés-Aarão, nesta sequência; do outro: faraó-ministros-sábios-feiticeiros-mágicos. A ‘assessoria’ maior é do perdedor! Apoiam o faraó os especialistas da área: sábios, feiticeiros e mágicos (v.11). Não é o caso de Moisés e Aarão, que não são especialistas em serpentes, mas defensores do povo hebreu.

A diferença reamente marcante entre os dois grupos é que os hebreus tem a Javé de seu lado. Ele mesmo instrui a Moisés e Aarão. Orienta-os no sentido de “dar prodígio” (v.9a), de realizar uma cena que chamam atenção. No caso, deve impressionar ao próprio faraó. Trata-se da “vara”/cajado que lançado diante de faraó torna-se

“serpente”. O termo hebraico em questão - *tanin* - inclusive poderia ter significados mais assustadores, mas aqui, em nosso trecho, há de ter somente este sentido de “serpente”. Isso também correlaciona melhor o cajado, ponto de partida para a tal “serpente”.

“Serpente” não há de ser aqui nenhum símbolo fortuito. Ora, o faraó é uma tal “serpente”; a cabeça de tal “serpente” lhe sai simbolicamente de dentro da roda do sol, posto na testa de sua cabeça. O faraó é, pois, confrontado com o que sua ideologia diz que ele seja: descendente da “serpente”, das forças oriundas da terra, do chão. Portanto, já o primeiro dos “prodígios” são ai núcleo da questão: para Javé-Moisés-Aarão, faraó não é deus. Trata-se de depotenciá-lo de sua alta auto-imaginação. Não é descendente de “serpente”, mas filho de sua mãe.

O v.10 repete os v.8-9. Isso a rigor não teria sido necessário. Pois, para hebraico, ao anúncio de algo por acontecer contém implícito que isso se passou. Portanto, a rigor o v.10 já está imbutido nos v.8-9. Se este conteúdo está retomado no v.10, então porque é de especial relevância para os autores ou as autoras.

O v.10 chega a realçar que Moisés e Aarão “fizeram assim como”. Usa-se dupla expressão para que não pare dúvida: fez-se “como” e fez-se “assim”. Aliás, o verbo ainda ressalta que se seguiam ‘ordens’: “Javé ordenara” Moisés e Aarão, por assim dizer, cumprem a risca o que se lhes dissera.

E a “vara” se tornou “serpente”; a repetição trouxe o efeito já anunciado (v.8-9). Era o que importava. O esmero na repetição seguramente permite o mesmo resultado: palavras e cenas iguais resultam no mesmo incidente. Aqui temos resquícios de pensamento mágico. Seria algo do feitiço dos feiticeiros!? Seja como for, as mesmas palavras e gestos podem proporcionar resultados iguais. É o que realça o final do v.10: ao lançar a vara, esta se transmutou em “serpente”.

Mas, agora, no v.10 ficam incluídos, do lado do faraó, seus “escravos”. Bem que poderiam ser os “escravos” de dentro das áreas palacianas. Poderiam... Mas, mais provável, é que, aqui, “escravos” sejam ministros, pois usava-se o conceito de “escravos de rei” também para aludir aos ministros (veja 2Samuel 20,23-26).

O v.10, a rigor, repetira a cena. Ora, os v.11-12 fazem-no uma vez mais: repetem-na pela terceira vez. Bem, há um crescendo neste novo parágrafo dos v.11-12. É

verdade: as palavras usadas são diferentes, mais complexas, como por exemplo o conceito das assim chamadas “ciências ocultas”. Mas, nem estas resolvem alguma coisa. E o resultado, para faraó, em nada resulta. Assim o constata a frase final da nova sub-unidade: “e devorou a vara de Aarão as suas varas”. Aliás, esta conclusão até chama a atenção: afinal a luta é entre “serpentes”, saídas das varas, mas aí na conclusão ela se dá, literalmente, entre “varas”/cajados, os da gente de faraó e o de Aarão. Aí até parece prevalecer certo tom de racionalização: isso que faraó diz serem “serpentes”, em verdade, não passam de varas! Este faraó é mesmo um engodo! Os autores e as autoras dentre “os filhos de Israel” não acreditam propriamente nas magias e imaginações egípcias! Secularizam-nas, por assim dizer!

Por melhor que o faraó se preparara para o embate, por mais que se tivesse assessorado, foi vencido. Já havia trazido seus ministros/“escravos” à assessoria (v.10). Agora, no v.11, ainda se faz acompanhar por sábios, por feiticeiros, por mágicos e a estes com suas ciências ocultas - e nada de resultados! Faraó tem muito recurso, mas nada realmente competente! Até inventa muita “serpente”, mas nenhuma tem, de fato, perfil e competência. No fundo, não passam de varas, ainda que fossem “monstros originários”!

O v.13 conclui; fecha o assunto. Este nosso versículo se parece a uma formulação litúrgica; vamos re-encontrá-la em outros momentos do memorial dos ‘prodígios’ (7,23; 8,19; 9,35).

Faraó não cede. Talvez cedesse, fossem outros seus planos e suas intenções de vida; mas seu “coração” é desta ordem. Já conhecemos este “coração”, estes seus planos governamentais que residem em obter mais e mais tijolos e empenho nas construções de parte dos hebreus escravizados. Neste sentido, é realmente o “coração” que atrapalha ao faraó, mas aqui “coração” não é a sede de sentimentos, mas sim, como sucede na Bíblia, de planos e metas. Faraó tem intenções/“coração”, a edificação de novas cidades, e delas não pode arredar pé, senão perde sua função social. Danem-se, pois, os hebreus, que cresçam os edifícios! Eis, seu “coração”! Este “é forte” ou, em outra possibilidade de tradução, “endureceu”, quer dizer, como o expressa a própria segunda parte do v.12: “não ouviu”. Afinal, um faraó tem o poder suficiente para “não ouvir”. O próprio Javé já sabia que assim sucederia: um faraó endurece e não ouve! .

Concluindo

A “serpente” (*tanin*) está vencida. Isso implica em que, pela metade, o faraó está por terra, ele que se diz filho da serpente!

O caminho para a liberdade precisa vender as mentiras. Lógico, antes de mais carece reconhecê-las, como o fazem estes nossos versículos que, de algum modo singelo, expressam que a tal “serpente” que seria o faraó não passa de uma vara, daquelas singelas que se usa no pastoreio. Os poderes da opressão sempre arrotam poder e competência, mas não passam de ‘varinhas’ quebradiças. Dragão faz barulho, mas por medo e por que as feridas se lhe acumulam ao redor.

O êxodo só é possível no enfrentamento do faraó do poder. Tal faraó tem muitos asseclas: ministros, oficiais, sábios, feitiçeiros, mágicos, ciências ocultas. Mas nenhum deles é seu amigo, seu irmão. A gente escravizada vem no abrigo de irmãos, de Moisés e Aarão, irmãos, e de Javé, seu irmão maior. O poder se arrasta na prepotência, só a libertação é capaz da solidariedade.

Poder não perfaz história. Para ele, a história já se acabou. Só o povo tem histórias a contar. Poder só rodeia prato roubado, dizendo sempre o mesmo. Quem sabe versinhos ou repentes e cordéias cria o novo. Poder repete o que já está velho; quem conta ‘causos’ é que inventa coisas.

Por isso, tenha-se pena de faraó: sua vida é mentira. Ele o sabe. Mas teme sair a campo...

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Ana Flora e GORGULHO, Gilberto, *Êxodo 1-15 - A formação do povo*, São Paulo, CEPE/Centro Ecumênico de Publicações e Estudos Frei Tito de Alencar Lima, 1992, 73p.

ANDIÑACH, Pablo Ruben.....; BALANCIN, Euclides Martins e STORNILOLO, Ivo, *Como ler o livro do êxodo - O caminho para a liberdade*, São Paulo, Edições Paulinas, 1990, 62p. (Série Como ler a Bíblia).

BARROS, Marcelo e SCHWANTES, Milton, “Estudo do livro do Êxodo - Leitura da Bíblia e celebração da gente”, em *Curso de Verão*, São Paulo, Edições Paulinas, vol.1, 1988, p.49-112;

BEER, Georg e GALLING, Kurt, *Exodus*, Tubinga, J. C. B. Mohr, 1939, 179p. (Handbuch zum Alten Testament, 3).

BOSCHI, Bernardo Gianluigi, “O êxodo e a aliança na exegese moderna”, em *Problemas e perspectivas das ciências bíblicas*, São Paulo, Edições Loyola, 1993, p.153-175.

CASSUTO, Humberto, *A Commentary on the Book of Exodus*, Jerusalém, The Magnes Press/The Hebrew University, 1983, 509p.

CHILDS, Brevard S., *The Book of Exodus - A Critical, Theological Commentary*, Philadelphia, The Westminster Press, 1974, 657p. (The Old Testament Library).

CROATTO, José Severino, *Êxodo - Uma hermenêutica da liberdade*, São Paulo, Edições Paulinas, 1981, 179p. (Coleção Libertação e Teologia, 12).

CROATTO, José Severino, “La relectura del nombre de Yave - Reflexiones hermenêuticas sobre Êxodo 3,1-15 y 6,2-13”, em *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, vol.4, Santiago, Rehue, 1989, p.7-17.

DREHER, Carlos Arthur, “As tradições do Êxodo e do Sinai”, em *Estudos Bíblicos*, vol.16, Petrópolis, Editora Vozes, 1988, p.52-68.

EBACH, Jürgen, “‘Senhor, por que maltratas este povo?’ - Queixa diante de Deus e acusação de Deus na experiência do fracasso”, em *Concilium*, n.5, Petrópolis, Editora Vozes, 1990, p.135-146.

ELLISON, H. L., *Êxodo*, Buenos Aires, La Aurora, 1988, 220p. (Antigo Testamento Comentado); *Estudos Bíblicos*, vol.16, Petrópolis, Editora Vozes, 1988, 84p.

GAEDE, Leonídio, “As pragas do Egito - Como superar o poder opressor”, em *O Povo Faz Caminho*, vol.1, Belo Horizonte, CEBI, 1988, p.24-30.

GAEDE, Leonídio, *Sem-terra - A praga de faraó*, São Leopoldo, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, 1991, 148p. (dissertação de mestrado).

JARAMILLO, Julio, “La experiencia religiosa de Israel - primera parte”, em *Medellín*, vol.17, n.66, Bogotá, 1991, p.149-180.

JARAMILLO, Julio, “La experiencia religiosa de Israel - segunda parte”, em *Medellín*, vol.17, n.66, Bogotá, 1991, p.305-332.

LANSON, André, *Libertar os oprimidos*, Crateús, Diocese de Crateús, 1969, 2ª edição, 86p.

LOZA VERA, José, “El acontecimiento del éxodo - Ventajas de una lectura diacrónica Iª parte”, em *Efemérides Mexicana*, México, vol.7, n.21, 1989, p.323-346.

LOZA VERA, José, “El acontecimiento del éxodo - Ventajas de una lectura diacrónica IIª parte”, em *Efemérides Mexicana*, México, vol.10, n.29, 1992, p.181-220.

NARDONI, Enrique, “El éxodo como acontecimiento de justicia liberadora”, em *Revista Bíblica*, Buenos Aires, SAPSE, n.60, 1995, p.193-222.

NOTH, Martin, *Das zweite Buch Mose - Exodus*, Gotinga, Vandenhoeck & Ruprecht, 4a edição, 1968, 45-46.50-54.55-56 (228p.).

PIXLEY, Jorge V., *Êxodo - Una lectura evangélica y popular*, México, Casa Unida de Publicaciones, 1983, 307p. [tradução ao português: *Êxodo*, São Paulo, Edições Paulinas, 1987, 247p. (Coleção Grande Comentário Bíblico)].

RAVASI, Gianfranco, *Êxodo*, São Paulo, Edições Paulinas, 1985, 202p. (Pequeno Comentário Bíblico - AT, 6).

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira, “Um êxodo entre muitos outros êxodos - A beleza do transitório obscurecida pelo discurso do permanente - Uma leitura de Êxodo 1-15”, em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, vol.23, Petrópolis, Editora Vozes, 1996, p.79-91.

SCHMIDT, Werner Hans, *Exodus*, Neukirchen, Neukirchner Verlag, 1988, 312p. (Biblischer Kommentar Altes Testament, 2/1).

SCHMIDT, Werner H. *Exodus*, Neukirchen, Neukirchner Verlag, 1995ss (Biblischer Kommentar Altes Testament, 2/2).

SCHWANTES, Milton, “O êxodo como evento exemplar”, em *Estudos Bíblicos*, vol.16, Petrópolis, Editora Vozes, 1988, p.9-18.

SCHWANTES, Milton, “A origem social dos textos”, em *Estudos Bíblicos*, vol.16, Petrópolis, Editora Vozes, 1988, p.31-37.

SCHWANTES, Milton, “Cantorias de um povo saído do cativeiro – A festa que vem depois (Êxodo 15)”, em *Estudos Bíblicos*, n.43, Petrópolis, Editora Vozes, p.12-19.

SILVA, Rafael Rodrigues da, *Êxodo - Evento fundante de Israel - Uma conversa com os hebreus*, São Paulo, Centro de Estudos Bíblicos, 1994, 24p.

TREIN, Hans Alfred, “A situação histórica dos hebreus no Egito e no Antigo Oriente”, em *Estudos Bíblicos*, vol.16, Petrópolis, Editora Vozes, 1988, p.19-30.